

OFICINA DE CULINÁRIA NO CAPS: ESTRATÉGIA DE INTEGRAÇÃO DO USUÁRIO E EQUIPE MULTIDISCIPLINAR

IZAMIR DUARTE DE FARIAS ¹; SIMONE COELHO AMESTOY ²; MAIRA BUSS THOFEHRN ³

¹Faculdade de Enfermagem da UFPEL 1 – izamironline@hotmail.com

²Faculdade de Enfermagem da UFPEL 2 – simoneamestoy@hotmail.com

³Faculdade de Enfermagem da UFPEL 3 – mairabusst@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

As possibilidades de trabalho dentro de um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) são inúmeras. Através de diversas técnicas e saberes, proporcionam-se ao usuário, formas de expressão, interação com o meio e com a sociedade, e uma atenção interdisciplinar, concomitante ao tratamento de igual abordagem por meio de fazeres chamados de oficinas.

As oficinas terapêuticas foram regulamentadas como ferramenta de trabalho coletivo pela portaria 189 do Ministério da Saúde, publicada em 1991, sendo ofertadas por serviços substitutivos ao hospital psiquiátrico, propostos pela política da reforma psiquiátrica, dentre estes, os CAPS, embora alguns hospitais também utilizem esse procedimento. A função desta proposta é a expressão de sentimentos, desenvolvimento de habilidades corporais, realização de atividades produtivas e inserção social (BRASIL, 1991; 2001 p. 20).

O CAPS proporciona à equipe, um cenário que possibilita compreender o sujeito na sua integralidade, considerando sua singularidade, subjetividade, fragilidades e principalmente, suas potencialidades, as quais se podem estimular dentro de um cenário com artifícios que viabilizam a manifestação do sujeito.

Nesse sentido, as oficinas terapêuticas constituem-se em uma ferramenta de interações, na qual as pessoas são valorizadas e respeitadas; pessoas estas que, independentemente de como são ou estão, podem produzir coisas úteis para si e para a sociedade.

Dentre o que se pode considerar como útil para a sociedade, a culinária é essencial para a manutenção do corpo físico e para a manifestação da vida nesse corpo; conseqüentemente, essas oficinas são uma possibilidade alternativa que contempla o Plano Terapêutico Singular (PTS) dos usuários desse serviço.

Considerando a necessidade fisiológica do ser humano, buscando unir à ferramenta de trabalho a utilidade para o serviço, a oficina que possibilita o aprendizado de técnicas de produção de culinária vem sendo desenvolvida dentro do CAPS como um espaço de integração de usuários e equipe interdisciplinar, apresentando uma rica e ampla possibilidade de valorização das potencialidades daqueles que demonstram afinidade com esta proposta.

Esse estudo tem como objetivo apresentar um relato de experiência baseado na observação de oficinas de culinária, dentro de um CAPS da região Sul do Brasil.

2. METODOLOGIA

O presente trabalho constitui-se do relato de experiência com atividades desenvolvidas em uma oficina de culinária que ocorre dentro de um CAPS da região Sul do Brasil.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo o Ministério da Saúde (2004), a modalidade de oficina em questão pode ser classificada como geradora de renda, pois possibilita o aprendizado de atividades que levem a pessoa a tal finalidade.

A oficina de culinária, desenvolvida no CAPS desde o primeiro semestre de 2010, objetivando proporcionar aos participantes, oportunidade de envolvimento dos mesmos com uma atividade laboral que favorece o convívio em grupo, o desenvolvimento de habilidades motoras e a produção de algo útil para si e para outras pessoas, no caso, produzindo alimentos.

Dessa forma, as possibilidades de desenvolver atividades diversificadas para o aprimoramento das habilidades motoras, para o convívio social ou para geração de renda é apontada como terapêutica, proporcionando satisfação pessoal e conseqüente alívio dos sintomas decorrentes dos transtornos mentais (SILVA; LUSI, 2010).

A indicação dos usuários para essa oficina se dá após uma avaliação interdisciplinar, na qual são consideradas suas habilidades e predisposição para participar da proposta como parte do seu plano terapêutico singular (PTS).

Inicialmente, a referida oficina considerava a existência de espaço adequado (cozinha e equipamentos), e de profissionais disponíveis e dispostos a realizar tal atividade, sendo um psicólogo e uma artesã, que também possui conhecimentos de culinária e atualmente é acadêmica de Licenciatura em Artes. Com o passar do tempo, essa atividade foi se consolidando, sendo ampliada e qualificada com a aquisição de equipamentos e atendendo a um número maior de pessoas.

Atualmente, a oficina tem a duração de duas horas e meia com a frequência de uma vez por semana. Conta com a participação de 10 a 12 usuários, sendo que, destes, alguns vem apresentando disposição para o aprendizado de novas técnicas e, como conseqüência do aprimoramento de suas práticas na oficina, vem conquistando espaço na sua comunidade por meio da produção e fornecimento de alimentos para festas e eventos, o que proporciona a elevação da sua autoestima e a aquisição de uma renda complementar para a família.

Uma das importantes ferramentas para a ressocialização dos usuários é a oficina terapêutica que, através do trabalho, do agir e do pensar coletivamente, representa um instrumento importante para a inserção do sujeito no grupo e, conseqüentemente, na sociedade, valorizando assim, sua subjetividade e potencialidade (MIRANDA, 2011).

Dessa forma, as oficinas de culinária são consideradas como terapêuticas, já que proporcionam aos usuários um espaço de interações e desenvolvimento de propostas que visam sua reabilitação e consideram sua singularidade como ser humano.

As atividades, efetivamente acontecem nas dependências do CAPS uma vez por semana, com duração de aproximadamente duas horas e meia, tempo este que é distribuído para a organização do espaço, adequação de vestimentas, cabelos e higienização dos participantes para o preparo dos alimentos.

A escolha das receitas se dá de acordo com a vontade da maioria dos participantes, sendo que é preestabelecido um calendário de organização das propostas de doces e salgados que são partilhados pela oficinista responsável.

Há uma diversidade de receitas produzidas nesse espaço, dentre as quais, se podem mencionar salgados, bolos para festas, *cupcakes*, pastéis e doces.

O resultado da produção nas oficinas é apreciado pelos presentes no serviço durante o turno de trabalho como equipe técnica, estagiários, usuários, familiares

de usuários ou visitantes, sendo comercializados pelos envolvidos no processo de produção. Essa evolução da comercialização é devidamente planejada, considerando dois aspectos fundamentais: a auto sustentabilidade da oficina, ou seja, dos produtos vendidos é retirado o custeio para as próximas oficinas. Também é planejado o aprendizado dos participantes quanto ao processo de comercialização do produto, considerando o investimento em ingredientes, equipamentos e outros insumos, o tempo dispendido para o trabalho e o lucro propriamente para esse processo de produção, o que objetiva qualificar o usuário para produzir de forma autônoma o que aprende ele nessas oficinas.

Dentre os resultados decorrentes desse aprendizado, há registros de usuários egressos do CAPS que, após sua alta, continuaram produzindo alimentos e fornecendo-os para eventos, comércio local ou amigos que consomem sua produção.

Assim, a oficina, além ser uma ferramenta com potencialidades para reabilitação psicossocial, vem cumprindo com o papel de qualificação das pessoas para sua reinserção na sociedade como sujeitos úteis.

4. CONCLUSÕES

A partir deste relato de experiência, pode-se considerar que a oficina de culinária vem proporcionando aos usuários a oportunidade de aprimoramento das habilidades individuais para o preparo e produção de alimentos diversos como bolos, salgados, doces e confeitos, bem como a superação de fragilidades emocionais quando interagem no espaço de produção coletiva, manifestando suas potencialidades como seres humanos produtivos.

Participantes desta oficina estão utilizando conhecimentos e habilidades adquiridos nesse espaço para complementarem sua renda familiar através da produção de culinária para fornecimento a festas e eventos. Com essa evolução, pode-se considerar que além da superação, o usuário do CAPS, mesmo em tratamento para um transtorno que outrora lhe impossibilitava de ser útil para a sociedade, volta a produzir e ser socialmente útil por sua produção.

Consequentemente, observa-se a elevação da sua autoestima e o auxílio na evolução do tratamento oferecido pelo serviço. Com base nestas constatações, pode-se recomendar a aplicação desta atividade no CAPS pelo seu baixo custo e auto sustentabilidade, desde que seja acompanhada por profissional habilitado, que perceba as necessidades dos usuários e direcione as propostas de acordo com as habilidades e disposição dos mesmos, assegurando a integridade e segurança de todos os envolvidos no espaço de trabalho.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria Nacional de Assistência à Saúde (1991). Portaria nº 189 de 19 de novembro de 1991. Acessado em 17 ago. 2013. Online. Disponível em: www.inverso.org.br/index.php/content/view/6887.html

BRASIL. Ministério da Saúde. Lei nº 10.216, de 6 de abril de 2001. 2001. Acessado em 17 ago. 2013. Online. Disponível em: www.planalto.gov.br/CCIVIL/LEIS/LEIS_2001/L10216.htm.

BRASIL. Ministério da Saúde (2004). Saúde mental no SUS: Os centros de atenção psicossocial. Brasília, DF: Autor.

FARIAS, I.D.; THOFERN, M.B.; GOVÊIA, M.N.; NOGUEIRA, V.O.; AMESTOY, S.C.; ARRIEIRA, I.C.O. As oficinas terapêuticas e o convívio social do usuário de CAPS. In: **SALUD MENTAL: Interdisciplina e inclusión social como ejes de intervención**. v. 2. Buenos Aires, Argentina. 2013. p. 1013.

SILVA, M.D.P.; LUSI, I.A.O. Geração de renda e saúde mental: O cenário do município de São Carlos. **Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar**, São Carlos, jan/abr de 2010, v. 18, n1, p. 35-48.

MIRANDA, F.A.N. **Oficinas terapêuticas como instrumento de reabilitação psicossocial: percepção de familiares**. Esc Anna Nery (impr.) 15 (2):339-345 abr-jun; 2011.